

PENSAMENTO MITOPOÉTICO E CONTRADIÇÃO ORIGINÁRIA:

Parmênides, Fragmento II.

Diego Braga

No fragmento II de seu conhecido poema Parmênides nos diz:

Vamos lá! – eu interrogarei, tu porém, auscultando a palavra, cuida que caminhos únicos do procurar são dignos de serem pensados: um, que é e que não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se). O outro, que não é, e que necessariamente não-ser é; este caminho eu te digo em verdade ser totalmente insondável como algo inviável; pois não haverias de conhecer o não-ente (pois este não pode ser realizado) nem haverias de trazê-lo à fala.¹

O poema diz: “Vamos lá!”. Não trata de uma simples operação mental, este pensamento que aqui se enuncia e anuncia. Não podemos considerar de antemão que isto é apenas uma forma interessante de escrever, de tornar a sisudez de um texto filosófico mais atraente ao leitor enfadado. Ele convida a uma caminhada. Não é uma caminhada solitária, uma vivência subjetiva, tampouco. “Vamos, lá!” diz, *vamos juntos*, acompanhando um ao outro. Parmênides, poeta-pensador, convida a um diálogo, e nos diz: “eu interrogarei”. Ele não vai nos propor uma teoria. Trata-se de um diálogo de questionamento. Mas o que é propriamente um diálogo?

A palavra *diá-logo* compõem-se do prefixo grego *dia* que significa dois, através de, entre. O radical da palavra *diálogo*, *-logo*, vem da misteriosa palavra grega: **Logos**. Formado do verbo *legein*, este se move num duplo sentido ao mesmo tempo complementar e tensional: *reunir* e *dizer*.²

¹ PARMÊNIDES, 1999, p. 45.

² CASTRO, 2006, p. 27.

Em sentido próprio, *lógos* evoca o que diz e reúne, em tudo que se diz e reúne. Como reunião em torno do que se diz, o diálogo não é mera comunicação – o diálogo, sentido pleno, é a vigência do *lógos*. Mas o poema não menciona *lógos*, o original nos dá a palavra *mythos*. Neste diálogo, nesta vigência do *lógos*, aqueles que se escutam o dito na reunião no *lógos*, bem como o que se escuta no dito da reunião no *lógos* é: *mythos*. O poeta diz “suÛ muíqon a)kouÿsqj” – *tu, ascoltando o mythos*. Na vigência do *lógos*, o que se escuta é o *mythos*. *Mythos* e *lógos* estão na mais íntima vizinhança, numa referência fundamental. Isto nos diz o poema de Parmênides. Começamos, então, a suspeitar do que nos diz a mais recente historiografia da filosofia, quando nos afirma que:

O pensamento filosófico pôde assim desprender-se das formas espontâneas da linguagem em que se exprimia, submetê-las a uma primeira análise crítica: para além das palavras, εἴρεσι, tais como o vulgo as emprega, há, segundo Parmênides, uma razão imanente ao discurso, um λογισμός, que consiste em uma exigência absoluta de não-contradição: o ser é, o não-ser não é. Sob esta fórmula categórica, o novo princípio, que preside ao pensamento racional, consagra a ruptura com a antiga lógica do mito.³

O que se escuta, na vigência do *lógos*, no diálogo a que Parmênides nos convida, é *mythos*. Contudo, o que Jean-Pierre Vernant nos diz é que, a partir da “fórmula categórica” de Parmênides, há uma razão imanente do discurso, isto é, um *lógos*. Vernant assume a interpretação metafísica de *lógos* como razão para interpretar o *pensamento originário* de Parmênides, porquanto separa de modo inapropriado *mythos* e *lógos*. Não considera, com esse pressuposto, o dizer de Parmênides em sua essência, como *poiésis*. Segundo a concepção expressa por Vernant, não se trata de dizeres poéticos, mas de “fórmulas categóricas”, isto é, formulações conceituais próprias da metafísica, só que travestidas de poesia por influência do contexto histórico. Haveria, então, uma “lógica do mito”, que é claramente entendida como um *modus operandi*. O autor afirma que não há uma súbita mudança do *mythos* ao *lógos*,

³ VERNANT, 1990, p. 473.

mas apenas na medida em que a *forma* do poema de Parmênides “(...) traduz este valor de revelação religiosa que conserva a filosofia nascente”⁴, porquanto seu conteúdo exprime uma *doutrina abstrata*, leia-se filosófica.⁵ Assim, o que é propriamente *superado* é o *modus operandi* do mito, de modo que “O mito então põe em jogo uma forma de lógica que se pode chamar, em contraste com a lógica de não-contradição dos filósofos, de uma lógica do ambíguo, do equívoco, da polaridade.”⁶

Não se pode negar o grande mérito de Vernant. Ele afirma a necessidade de se compreender o mito pela sua própria *lógica*. Caberia ao mitólogo, que deseja compreender o mito, buscar uma lógica que não seja a lógica da não-contradição, que é a lógica do *lógos*, do pensamento racional, da filosofia, nas palavras do autor.⁷ Isto é uma posição inovadora em relação à historiografia da filosofia mais comum. Contudo, não podemos simplesmente pressupor, sem pensar a palavra, que a “lógica” é um *modus operandi*, e não a dinâmica do *lógos*, um dizer que reúne – mas que não reúne simplesmente como identidade (tal como o pensamento racional, conceitual, isto é, que iguala o não igual⁸), nem somente como diferenças (o que seria a *lógica da contradição, da polaridade*, em oposição à lógica racional, de que fala o autor). A dinâmica do *lógos* instaura a reunião de identidades nas diferenças, em que essa identidade, cabe a ressalva, não é um terceiro elemento posterior, nem uma síntese dialética. Portanto, o que Vernant nos diz é que o *mythos* é superado, em sua *lógica* da contradição, pela *lógica da não-contradição* do *lógos* (razão), embora este *lógos* inicialmente venha travestido, em sua forma, em sua aparência, de *mythos*, como no caso do poema de Parmênides.

⁴ Ibidem, p. 456.

⁵ Ibidem, *loc. cit.*.

⁶ Idem, 1999, p. 221.

⁷ Ibidem, *loc. cit.*.

⁸ NIETZSCHE, 2008, p. 35.

Apenas parece, porque, conforme as considerações feitas até aqui, porquanto Vernant se baseia em pressupostos de um modo de representar metafísico, que interpreta o *lógos* como razão, e a lógica como *modus operandi*, - muito embora, à diferença das posições mais comuns, não considere o *modus operandi* da não-contradição como o único modo de pensamento possível – Vernant pensa o *mythos* a partir do *modus operandi* que o superou (pelo que seu pensamento acerca do mito é conceitual, representativo) numa ruptura histórica que ele mesmo afirma, confirma e comprova. Isso porque, apesar de constatar a necessidade de se pensar o fenômeno mítico a partir de outra lógica que não a da não-contradição, na medida em que seu pensamento se baseia nos pressupostos que se sustentam pela lógica da não-contradição, que são metafisicamente fundados, esta constatação não passa de uma constatação. O entendimento que daí se origina impõe representações impróprias, pois não atende à escuta do *mythos* que o poeta-pensador solicita. De acordo com o modelo em que seu pensamento se insere, o princípio da contradição é simplesmente uma coisa do pensamento abstrato, o fundamento de uma lógica da razão que veio a se impor num determinado processo histórico gradual, processo este que articula *fatós* econômicos, como a moeda, culturais, como a escrita, e políticos, como a democracia⁹. Enquanto se determine, em sua vigência, por tais fatores, o princípio da contradição, este não estará ligado com a presença do homem, com sua existência histórica, com a historicidade de sua realização, mas apenas seria consequência de contingências historiográficas, dependente de certos *fatós históricos*. Fatos estes factuais apenas num pensar que representa a história matematicamente, como historiografia de fatos deduzidos como causas e efeitos, correspondendo ao conceito fundamental mais abrangente de história como sucessão de ocorrências lineares racionalmente concatenadas.

⁹ VERNANT, 1990.

Como dissemos acima, o princípio de contradição não é algo apenas formal e abstrato, o princípio do conhecimento, como se antes da vigência deste princípio o pobre homem “primitivo” e “supersticioso” propriamente nada conhecesse. Esta afirmação foi deixada assim, sem maior explicação, apenas indicando-se que já não entendemos este princípio de outra forma que não aquela abordada, a matematicamente determinada, porque desde que o pensamento de Platão e Aristóteles se converteu em doutrina, todo conhecimento no ocidente passou a ser regido em seu modo de estruturação e em seu teor, pelo matemático concebido como representação de relações conceituais, segundo um princípio de contradição abstrato e formal¹⁰. O pensamento de Parmênides nos fala desde uma outra vigência de pensamento. O pensamento de Parmênides nos fala como poema, que convida, na vigência do *lógos* – em sentido próprio, poético, de dizer e reunir, e não em sentido metafísico e científico (com o perdão da redundância) de razão – , à escuta do *mythos*. O poema de Parmênides não traz uma superação do *mythos* pelo *lógos*, mas uma obediência, isto é, uma escuta própria, da vigência do *lógos*, no dizer de um *mythos*. O poema de Parmênides nos traz, à oposição do que propõe a historiografia, cujo expoente mais recente é Vernant, a referência fundamental entre *mythos* e *lógos*. Cabe a escuta do seu dizer. O que, então, ele nos convida a ouvir? “cuida que caminhos únicos do procurar são dignos de serem pensados: um, que é e que não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se).”¹¹ A palavra que rege a escuta é “cuida”, no original, *kómisai*. Este não é apenas o começo da frase, numa ordenação sintática. Ela é a palavra que rege a escuta do *mythos* porque é uma palavra-princípio, uma palavra que abre o dizer que vem à escuta. Cuidar é o princípio. Princípio não é apenas o começo. Quando dizemos, “este é um homem de princípios”, não falamos de “um homem de começos”, que está sempre no começo das coisas. Falamos de um homem cujo agir se encontra no empenho de um penhor, que

¹⁰ HEIDEGGER, 2007.

¹¹ PARMÊNIDES, *op. cit., loc. cit.*.

age no horizonte do princípio. Cuidar é o princípio porque é conduz e consuma todo fazer originário, como pensar e poetar. Todo dizer será um dizer sob o princípio do cuidar. Este dizer exige uma escuta cuidadosa. O poeta pede cuidado ao ouvinte, em sua escuta. Em grego, a palavra é *kómisai*. Esta é a forma média do aoristo do verbo *komídzēin* – que na forma média tem o sentido de “cuidar”, no sentido de “acolher” e “levar consigo”, pelo que se chama aquele que acompanha um *komistér*. Este cuidar, que o *mythos* recomenda, é um acolher e levar consigo. Deste modo o poema assinala - agora com maior clareza do que no “Vamos lá!” que convida ao diálogo - a referência fundamental entre dizer do *mythos* e escuta do *lógos* que se dá em seu dizer, porquanto:

Quando *há* escuta verdadeira, entendida como o(mologeíñ, então acontece propriamente um destino, então o leḡgeíñ dos mortais se sintoniza com o ΛΟḠΓΟJ e se empenha pela postura recolhedora. Então o leḡgeíñ se dispõe ao envio sábio que consiste no recolhimento da pro-posta originariamente acolhedora, isto é, que consiste no que a pro-posição recolhedora dispensou. Assim, pois, quando os mortais levam à plenitude uma escuta verdadeira, há um envio sábio.¹²

A escuta do que o *mythos* envia se dá como *lógos*, mas com estas palavras, Heidegger não quer compreender o poema de Parmênides. Ele tenta seguir um famoso dizer de Heráclito, que diz: “Auscultando não a mim, mas o Logos, é sábio concordar que tudo é um.”¹³ A representação tradicional que nos vem pela historiografia da filosofia, contudo, diz que a *doutrina* Parmênides “se opunha” à *doutrina* de Heráclito. Mas Parmênides parece nos dizer, conforme a interpretação que viemos encaminhando até aqui, o que nosso cuidado, isto é, escuta acolhedora de *lógos* e *mythos*, deve cuidar é “(...)que caminhos únicos do procurar são dignos de serem pensados: um, que é e que não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se).”¹⁴ Na escuta de *lógos* e *mythos*, acolhemos os caminhos do procurar.

¹² HEIDEGGER, 2002, p. 192.

¹³ HERÁCLITO, 1999, p. 71

¹⁴ PARMÊNIDES, *op. cit.*, *loc. cit.*.

Procura já remete novamente à cura, mas agora no sentido não do acolhimento, mas da procura, isto é, do acolhimento como procura – questionar, como no sentido de questionar que se dá na palavra grega *dídzemai* (procurar, buscar compreender). Buscar compreender, acolhendo, se dá por caminhos. Caminhos, se dizem, no poema, *hódoi*. Em grego, *hodós* significa caminho. A palavra portuguesa “método” é composta do grego, *metá-*, e *hodós*. Mas o poema fala de *hodós*, caminho, e não de método, fala de uma travessia de caminhos, que se dá como *dídzemai*, como buscar compreender, acolhendo a dinâmica do questionar.

O fato de que o ser próprio daquele que conhece também entre em jogo no ato de conhecer marca certamente o limite do “método” mas não o da ciência. O que o instrumental do “método” não consegue alcançar deve e pode realmente ser alcançado por uma disciplina do perguntar e do investigar que garante a verdade.¹⁵

O poema de Parmênides, portanto, não vai nos indicar um método de questionamento racional a partir do qual o pensamento “lógico” se institui hegemonicamente como a única forma de se chegar à verdade. Vai apontar justamente para esta “(...) disciplina do perguntar e do investigar que garante a verdade.” No contexto do pensamento de Gadamer, ciência tem o sentido amplo de saber, não é o sentido estrito da ciência moderna¹⁶. A verdade garantida, no contexto do mesmo pensamento, não é a mesma verdade das proposições válidas e corretas da ciência em sentido estrito, mas a verdade como sentido, como *desvelamento* em sua historicidade¹⁷. Qual o primeiro caminho mencionado a que o questionar em sua busca acolhedora se lança? “(...)um, que é e que não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se). O outro, que não é, e que, necessariamente, não-ser é; este caminho eu te digo em verdade ser totalmente insondável como algo inviável;.”¹⁸ Esta fala poética nos diz que o caminho do questionar é: não-contradição, e que o caminho

¹⁵ GADAMER, 2007, p. 631.

¹⁶ Cf. *ibidem*, pp. 241-496.

¹⁷ Cf. *ibidem*, pp. 37-240.

¹⁸ PARMÊNIDES, *op. cit.*, *loc. cit.*.

da contradição é inviável. Nesse pormenor, as representações comuns estão corretas – porquanto não se considere inviável como impensável, mas apenas como não-representável. Contudo, de nada adianta a correção, se não se dá o pensamento da verdade que fala em toda e qualquer representação correta. “(...) o correto há e se dá demais na filosofia. Raro é apenas o verdadeiro”¹⁹. A verdade, esta se pensa como presença, em seu pleno vigor, no poema de Parmênides. No poema, quem fala é a deusa *Alétheia*. Esta palavra grega traduz-se comumente como verdade. O fundamental, contudo, não é encontrar uma tradução, mas encontrar o que o pensamento provoca a pensar com essa palavra. O poema nos diz que o poeta-pensador é acolhido pela verdade: “E a deusa me acolheu graciosa e profusamente, tomou a mão direita na sua, e, desta maneira trazendo o epos à fala (...)”²⁰

É a deusa quem convida ao diálogo, à vigência do *lógos*, que se dá como escuta do dizer do *mythos*. Este diz que a busca acolhedora do questionar se dá por caminhos. O poema, então, nos diz que não vamos de encontro à verdade, segundo o que normalmente se concebe, como algo que uma vez conquistado, por nossos méritos, procuramos representar numa sentença que, ainda por nosso julgamento, será ou não verdadeira. Afinal, conforme nos diz a palavra *alétheia*: “(...) a verdade e o desencobrimento das coisas para um grego não é uma propriedade da sentença, nem uma propriedade do conhecimento, mas um acontecimento real, no qual as próprias coisas entram.”²¹ O poema nos diz que a verdade se nos revela. Nessa revelação, a verdade aponta os caminhos do questionar. Esta caminhada questionante não nos dará, portanto, a posse da verdade. Antes, na presença divina – que devém – da verdade, é que nosso questionar se torna possível. O acontecimento da verdade é originário do questionar e não o seu termo final. Conforme Heidegger propõe:

(...) acenar para onde o pensador primordial está a caminho, ou seja, a casa da deusa $\text{Al}\eta\theta\epsilon\iota\alpha$. A partir dessa casa também a genuína viagem de sua

¹⁹ HEIDEGGER, 2007, p. 283.

²⁰ PARMÊNIDES, *op. cit.*, p. 45.

²¹ HEIDEGGER, 2008, p. 235.

experiência recebe, então, a indicação do caminho. A casa da deusa é o lugar da primeira chegada na jornada do pensar, e é, então, o ponto de partida para o curso do pensar que carrega todas as relações com os entes. A essência desta casa é determinada pela deusa (...). **A Alh̄zeia é o descobrimento que encobre em si toda emergência, todo o aparecimento e desaparecimento.** A Alh̄zeia é a essência do verdadeiro: a verdade.²²

A essência da verdade, em outra palavra, é *revelação*. Revelar não é simplesmente mostrar. É *re-revelação*: revelar é velar de novo, na medida do mostrar. O que vem à luz parte de um velamento e retorna ao velamento, pois que a palavra *Alétheia* se compõe de *léthe*, o véu que encobre, e do prefixo *a-*, que é um *alfa privativo*, isto é, que aponta para o movimento de contrário: é um “não”²³. A essência da verdade é: não-velamento na medida em que o velar permanece como vigor originário e destinação, como *arché* e *télos* do sentido do movimento re-velador. Verdade, no pensamento poético de Parmênides, não é afirmação confirmada, nem somente negação sem referência. O caminho que a verdade aponta ao pensador é: “um, que é e que não-ser não é; é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se). O outro, que não é, e que necessariamente não-ser é; este caminho eu te digo em verdade ser totalmente insondável como algo inviável”²⁴. Em tese, assinala-se o princípio da não-contradição. O caminho do questionar segue as vias da não-contradição. Mas a própria essência da verdade, compreendida de modo propriamente grego, como *alétheia*, o desvelar autovelante, é, em si, contraditória. Este questionar não encontra a verdade, mas a verdade vem ao seu encontro. Ao manifestar-se, ela se vela, segundo sua essência. Em seu manifestar-se ocultando-se, a verdade aponta o

²² Ibidem, p. 231.

²³ É importante observar que este mesmo alfa privativo instaura não apenas uma negação, mas também reforça e impõe a idéia que “nega”, e isto quer dizer que em certa medida é também afirmativo. O alfa privativo de *a-létheia*, a palavra grega para verdade no sentido do “não-velamento”, é ao mesmo tempo uma afirmação e um reforço do velamento. Com isto notamos que além do fato de a própria palavra grega para verdade já trazer em si a contradição fundamental, temos aqui também um sentido poético originário da negação como aquilo que inaugura e atesta a sentido daquilo que nega, concomitantemente. É uma compreensão ambígua da negação que se dá aqui, na qual a negação não se incompatibiliza com a afirmação. Pelo contrário: em *a-létheia*, o que parece soar é o comum pertencimento de negação e afirmação no horizonte do velamento que constitui a vigência da verdade.

²⁴ PARMÊNIDES, *op. cit.*, *loc. cit.*.

caminho do questionar para o poeta-pensador. Este caminho persegue as vias da não-contradição. Contudo, agora, ouvimos o que não se menciona, nas representações vigentes do pensamento de Parmênides: este caminho da não-contradição “é o caminho da obediência, (pois segue o desvelar-se)”. O que se diz com isso, é que a contradição não é a impossibilidade do devir, como normalmente se representa. Ainda, diz-se que o caminho do não-ser - que não é - é inviável.

Contudo, se escutarmos de modo próprio, o caminho da não-contradição é o caminho do desvelar-se, é o caminho que segue o que vem a aparecer. A essência da verdade nos diz que o que vem a desvelar-se se dá no horizonte do velamento. Não se trata de algo simplesmente transcendental, ou simplesmente transcendente, mas de um acontecimento real, que assinala a própria presença e a historicidade do homem.

Referência Bibliográfica:

CASTRO, Manuel Antonio de. “Interdisciplinaridade poética: o “entre””, in: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, no. 164, jan-mar/2006, p. 7-36.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Vozes, 2007, 8ª edição.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2002, 2ª edição.

_____. *Ser e Verdade*. Petrópolis: Vozes, 2007

_____. *Parmênides*. Petrópolis: Vozes, 2008

HERÁCLITO. “Fragmentos” (tradução de Emmanuel Carneiro Leão), in: ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Os Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 1999, 3ª edição.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre Verdade e Mentira* (tradução de Fernando de Moraes Barros). São Paulo: Hedra, 2008.

PARMÊNIDES. “Acerca da Nascividade”, in: ANAXIMANDRO, PARMÊNIDES, HERÁCLITO. *Os Pensadores Originários*. Petrópolis: Vozes, 1999, 3ª edição.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 2ª edição.